



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ANA BEATRIZ BARRETO DOS SANTOS

**A ALTERNÂNCIA GENITIVO-ACUSATIVO EM CONSTRUÇÕES
TRANSITIVAS DE POLARIDADE POSITIVA EM RUSSO**

**Rio de Janeiro
2022**

ANA BEATRIZ BARRETO DOS SANTOS

**A ALTERNÂNCIA GENITIVO-ACUSATIVO EM CONSTRUÇÕES
TRANSITIVAS DE POLARIDADE POSITIVA EM RUSSO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação de
Português/Russo.

Orientador: Prof. Doutor Diego Leite de
Oliveira

Rio de Janeiro
2022

A minha mãe que não teve a oportunidade de
me ver crescer.

AGRADECIMENTOS

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é a finalização de uma etapa na vida do universitário. Essa constatação vem fazendo-me refletir sobre toda a minha trajetória acadêmica e fez-me perceber que, para além dos meus conhecimentos técnicos e capacidade de aprendizado, o que me formou enquanto profissional foi minha rede de apoio. Percebi, enquanto escrevia este trabalho, que, sem a rede de apoio, não existem estudiosos, em todos os sentidos dessa palavra. Por isso, dedico este momento de agradecimento a toda a minha rede de apoio que me fez realizar muitos sonhos.

Em primeiro lugar, ao meu orientador, o professor doutor Diego Leite de Oliveira que acreditou no meu potencial enquanto pesquisadora e vem trabalhando em conjunto comigo na construção desta pesquisa. Justamente a ele, aos professores do setor de russo, que estão sempre apoiando e incentivando os alunos de todas as formas possíveis, apesar das dificuldades.

A minha amiga de graduação, Ana Beatriz Carvalho, que me ajudou a trilhar meu percurso acadêmico.

A minha família: a minha avó Anete, que sempre me incentivou a prosseguir nos estudos e vem me apoiando durante meus anos de graduação, assim como em toda a minha vida; a minha tia Glaucia, que sempre vibra com todas as minhas conquistas das pequenas às mais significativas; aos meus primos que comemoraram esta conquista junto comigo: Vivian, Victor e Victoria; especialmente a minha prima Victoria, que me incentivou a me matricular nesta universidade que tanto me acolheu; a minha prima de consideração Milene, que esteve presente comigo no dia da matrícula e a todos os demais membros da minha família que estão presentes, sempre me apoiando.

Aos meus amigos que foram meu apoio emocional e incentivo para todos os momentos. Especialmente à Amanda, à Mariah e à Ana Carolina, que estiveram presentes nos meus momentos mais difíceis durante esta jornada. Aos meus tios de consideração Maria da Penha e Gerson, que me ajudaram bastante durante a graduação, oferecendo todos os tipos de auxílios; por estarem sempre ao meu lado, acolhendo-me como parte da família desde a minha infância, serei eternamente grata.

Por fim, a todos os professores e colegas da Faculdade de Letras e da universidade como um todo, por terem tornado minha jornada acadêmica mais agradável e rica. Que continuemos lutando e trabalhando ativamente todos os dias para nunca deixar morrer a promissora e grandiosa ciência brasileira.

RESUMO

O fenômeno de alternância genitivo-acusativo já é vastamente estudado, principalmente no que tange às construções de polaridade negativa. O trabalho de Timberlake (1975, 2004) é um exemplo de tais estudos. Nele o autor defende que essa variação se dá em razão de uma série de fatores, chamados de parâmetros, que estariam interagindo entre si, propiciando a escolha de um ou outro caso. Com base nessa análise, Nessel e Kuznetsova (2015) investiga o mesmo fenômeno, mas em sentenças de polaridade positiva. Partindo da análise de amostras de dados de escrita, os autores investigam um grupo de verbos descritos tradicionalmente como regidos por genitivo, no qual se constata uma significativa alternância entre a marcação de acusativo e genitivo, tendo alguns verbos mais afinidade com o acusativo e outros menos. De acordo com essa análise, o uso do acusativo é um resultado da interação entre um conjunto de fatores (animacidade, número, gênero, voz verbal, entre outros), sendo o verbo *slušat'sja* (obedecer) aquele que apresenta maior ocorrência de acusativo, ainda que o genitivo permaneça mais frequente. Diante disso, usando como base o trabalho de Nessel e Kuznetsova (2015), esta pesquisa tem por objetivo analisar a alternância genitivo-acusativo em estruturas de polaridade positiva na modalidade oral do russo. Para tanto, utiliza-se como arcabouço teórico a Gramática de Construções Baseada no Uso, em que, de acordo com Diessel (2019), o conhecimento linguístico emerge do uso da língua, sendo a gramática vista como um sistema dinâmico, em que se constituem redes as quais são reestruturadas e reorganizadas sob influência de processos cognitivos de domínio-geral. Diante disso, selecionou-se um conjunto de cinco verbos descritos tradicionalmente como regidos por genitivo, os quais também foram analisados pelos autores: *sluchat'sja* (obedecer); *dojdat'sja* (esperar); *bojat'sja* (temer); *dostigat'* (alcançar) e *izbejat'* (evitar). Com base nesse conjunto de verbos, o presente trabalho visa identificar o grau de alternância entre o genitivo e o acusativo em sentenças de polaridade positiva na fala. Para isso,

utilizou-se amostras de dados coletados do Corpus Nacional da Língua Russa (CNLR). Levando em consideração o conjunto de fatores sugeridos por Nessel e Kuznetsova (2015) e as hierarquias propostas por Timberlake (1975, 2004), fez-se uma análise quantitativa dessas amostras. Os resultados preliminares confirmam pontos mencionados por Timberlake (1975, 2004), como por exemplo, a menor tendência de nomes próprios ocorrerem com o genitivo. Ademais, é possível observar, na fala, que o verbo *slušat'sja* (obedecer) apresenta um avanço substancial do acusativo em relação ao genitivo, situação que não é evidenciada em Nessel e Kuznetsova (2015) na análise da escrita.

Palavras-chave: russo; Gramática Baseada no Uso; estrutura argumental; marcação de caso.

ABSTRACT

The phenomenon of the genitive-accusative alternance is already widely studied, especially regarding negative constructions. The work of Timberlake (1975, 2004) is an example of such studies, in which the author defends that this variation happens by reason of a series of factors, that he calls “parameters” which would be interacting with each other, favoring the choice of one case or another. Based on that analysis, Nessel & Kuznetsova (2015, 2004) investigates the same phenomenon, but in positive sentences. From that written corpus analysis, the authors investigated a group of verbs traditionally described as being ruled by genitive case. The results show a significant alternance between the accusative and the genitive in the position of verbal complement, evidencing that some verbs are more accusative-friendly than others. According to their analysis, the use of the accusative is a result of the interaction between a group of factors (animacy, number, gender, verbal voice and so on). In this sense, the Russian verb *sluŝat’sja* (to obey) turned out to be the most accusative-friendly verb among the five of them, even though the majority of its occurrences was with the genitive case. Based on Nessel & Kuznetsova (2015), this paper intends to analyse the genitive-accusative alternance in positive structures in Russian oral speech. For that, we choose the same group of five verbs ruled by genitive case that was used by the authors: *sluchat’sja* (to obey); *dojdat’sja* (to wait); *bojat’sja* (to fear); *dostigat’* (to achieve) e *izbejat’* (to avoid). With this analysis, we intend to identify the alternance degree between genitive and accusative when it comes to positive constructions in Russian oral speech. For that, we collected speech data from the website Russian National Corpus (RNC). Considering the group of factors proposed by Nessel & Kuznetsova (2015) and the parameters suggested by Timberlake (1975, 2004), we made a quantitative analysis of those datas. Preliminary results confirm the points Timberlake (1975, 2004) mentioned, for instance, proper nouns turned out to have less affinity with genitive case. Moreover, it’s already possible to say that the verb *sluŝat’sja* (to obey) presents a substantial advance of the accusative over

the genitive case, which is not evidenced in Nessel & Kuznetsova (2015) in the analysis of writing data. This paper takes in account the linguistic theory of Usage-Based Grammar according to Diessel (2019), in which the author conceives the language as being a result of the interaction between experiences of language usage and the domain-general cognitive processes. In this point of perspective, grammar is seen as a dynamic system that is organized as connectionist networks which are structured and restructured under influence of domain-general cognitive processes.

Keywords: Russian; Usage-Based Grammar; argumental structures; case marking.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Números de ocorrências da variável “verbo” para cada caso	28
Tabela 2 - Números de ocorrências e frequências de ocorrência de objetos animados e inanimados para cada caso.	31
Tabela 3 - Números de ocorrências e frequências de ocorrência de nomes próprios e comuns	33
Tabela 4 - Números de ocorrências e frequências de ocorrência de nomes concretos e abstratos.....	35
Tabela 5 - Números de ocorrências e frequências de ocorrência de cada estilo para cada caso	37

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1S	Primeira pessoa do singular
3S	Terceira pessoa do singular
ACC	Acusativo
CNLR	Corpus Nacional da Língua Russa
GC	Gramática de Construções
GCBU	Gramática de Construções Baseada no Uso
GEN	Genitivo
MBU	Modelos Baseados no Uso
REF	Reflexivo
SVO	sujeito/verbo/objeto

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A ALTERNÂNCIA GENITIVO-ACUSATIVO NA LITERATURA	14
2.1 TIMBERLAKE (1975, 2004).....	14
2.2 NESSET E KUZNETSOVA (2015)	15
3 MODELOS BASEADOS NO USO.....	17
3.1 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO	20
4 METODOLOGIA.....	23
5 ANÁLISE	26
5.1 VERBO.....	26
5.2 INDIVIDUALIZAÇÃO DO OBJETO.....	30
5.2.1 Animacidade	30
5.2.2 Tipo de nome	32
5.2.3 Grau de abstração do objeto	34
5.3 ESTILO	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Do ponto de vista tipológico, pode-se caracterizar o russo como uma língua flexional, ou seja, o idioma apresenta como uma de suas principais características a flexão, o que significa que algumas relações gramaticais são expressas através do uso de afixos que vão agregar tanto noções morfológicas quanto sintáticas aos nomes, verbos e adjuntos. No que se refere aos nomes e adjuntos, a flexão dá-se por meio de casos, que, no russo, totalizam seis: nominativo, prepositivo, acusativo, genitivo, dativo e instrumental. Desse grupo, apenas os últimos quatro casos podem ser usados para marcar complementos verbais, a depender da regência do verbo em questão.

Em geral, o acusativo funciona como a forma prototípica para a marcação do objeto direto, sendo o caso mais frequente em relação aos demais na língua em uso. Contudo, existem contextos em que o acusativo, em tese, não se aplica, como é o caso de sentenças de polaridade negativa. Ocorre que, para esses contextos, no passado, o caso prototipicamente utilizado era o genitivo. Com o tempo, o acusativo vem avançando também na seara dessas orações, o que tem feito pesquisadores postularem que o genitivo do objeto em contextos de negação está em processo de extinção (cf. Timberlake, 1975). Nesse processo de mudança de norma, tal como afirma Paducheva (2006), é natural que haja um certo grau de variação, ou alternância, entre os casos.

Diante disso, é possível observar que a alternância entre os casos genitivo e acusativo é um fenômeno que ocorre em larga escala na língua russa e, por essa razão, vem sendo vastamente estudado (TIMBERLAKE, 1975, 2004; MUSTAJOKI; HEINO, 1991; PADUCHEVA, 2006; NESSET; KUZNETSOVA, 2015; FESENKO, 2017; KAGAN, 2009; BORSCHEV; PARTEE, 2002). No entanto, apesar da ampla dedicação ao assunto, grande parte dos trabalhos que se concentram nessa temática foca nas sentenças de polaridade negativa, mesmo sendo constatada que essa variação ocorre em outros contextos.

Alguns trabalhos mais recentes, como o de Nessel e Kuznetsova (2015), apontam que a alternância genitivo-acusativo pode ocorrer, também, em estruturas de polaridade positiva. De acordo com o que foi previamente exposto, a maioria dos verbos russos é regida pelo acusativo, entretanto, alguns grupos de verbos são governados por outros casos, dentre os quais o genitivo. Logo, a alternância entre os casos genitivo e acusativo em construções de polaridade positiva ocorre precisamente nesse seletivo grupo de verbos. Nos exemplos (1) e (2), extraídos do Corpus Nacional da Língua Russa (CNLR), é possível observar essa variação.

(1) [CNLR - 2008 - Entrevista]

Ja bo-ju-s' **zeljonn-ogo tsvet-a.**

1S temer-1S-REF verde-GEN cor-GEN

Eu temo a **cor verde.**

(2) [CNLR - 2003 - Entrevista]

Amerika bo-it-sja **Rossi-ju?**

America temer-3S-REF Rússia-ACC

A América teme a **Rússia?**

O verbo *bojat'sja* (temer), que aparece em (1) e (2), é um exemplo de verbo tradicionalmente regido por genitivo, assim como *jelat'* (desejar), *jdat'* (esperar), *dostigat'* (alcançar), *izbegat'* (evitar), entre outros. No exemplo (1), é possível observar a construção de genitivo, que é considerada prototípica para esse verbo, enquanto em (2) se tem a construção de acusativo, a qual pode ser considerada a forma inovadora, dentro do fenômeno analisado. Os exemplos apresentados em (1) e (2) foram extraídos de contextos reais de uso da língua, o que evidencia que ambas as construções estão em uso na realidade linguística do falante russo.

Com a constatação da alternância entre acusativo e genitivo em estruturas de polaridade positiva, Nessel e Kuznetsova (2015) desenvolveram uma análise diacrônica em larga escala desse fenômeno na modalidade escrita do russo, na qual se aprofundam na investigação de cinco verbos governados por genitivo: *bojat'sja* (temer), *dojdat'sja* (esperar), *dostigat'* (alcançar), *izbegat'* (evitar) e *slušat'sja* (obedecer). Com base nos resultados obtidos, os autores concluíram que existe uma hierarquia entre os tipos de verbos analisados, visto que alguns teriam mais afinidade com o acusativo do que outros, além de evidenciarem que a escolha do caso estaria condicionada à combinação de alguns fatores, em sua maioria semânticos. Além disso, constatou-se um aumento do uso do acusativo na marcação do objeto direto desses verbos ao longo do tempo, o que indicaria, segundo os autores, uma mudança linguística em curso, com o acusativo avançando sobre o genitivo.

Esta pesquisa busca replicar o trabalho de Nessel e Kuznetsova (2015), considerando dados da modalidade oral da língua russa. Pretende-se, com isso, observar, sincronicamente, a alternância genitivo-acusativo em sentenças de polaridade positiva na língua em uso, além de observar o *status* do uso do acusativo para marcar o objeto direto na fala em comparação aos resultados obtidos pelos autores para a escrita, bem como observar se os mesmos fatores que atuam na escrita estão atuando na fala para influenciar na escolha entre os casos. Nesse sentido,

parte-se da hipótese de que, na fala, o uso do acusativo deva estar mais disseminado do que na escrita, pois a fala tende a admitir e fixar mais rapidamente as inovações da língua, as quais apenas gradualmente vão sendo incorporadas na escrita. Além disso, considera-se que a alternância genitivo-acusativo está condicionada ao tipo de verbo utilizado, e que os mesmos fatores que impactam o uso de um caso ou de outro (cf. TIMBERLAKE, 1975, 2004) para a codificação do objeto direto em construções transitivas da escrita estão atuando da mesma forma em construções transitivas da fala.

Para esta pesquisa, utiliza-se como base linguístico-teórica a Gramática de Construções Baseada no Uso, na qual apresenta Diessel (2019) que o conhecimento linguístico emerge a partir da aplicação de processos cognitivos inatos do ser humano sob experiências prévias de uso da língua. Dentro dessa perspectiva, a gramática é vista como um sistema dinâmico, em que se constituem redes associativas as quais são reestruturadas e reorganizadas sob influência desses processos cognitivos considerados de domínio geral.

Este trabalho se divide da seguinte maneira: na segunda seção, apresenta-se uma revisão geral da literatura sobre a alternância entre os casos genitivo e acusativo para a marcação do objeto direto; na terceira seção, é apresentado o viés teórico desta análise, a Gramática de Construções Baseada no Uso, partindo do termo “guarda-chuva”, Modelos Baseados no Uso; na quarta seção, evidencia-se a metodologia utilizada para esta investigação; na quinta seção, são apresentados os resultados obtidos; e, por fim, têm-se as considerações finais, em que se faz um apanhado geral do trabalho.

2 A ALTERNÂNCIA GENITIVO-ACUSATIVO NA LITERATURA

A densa bibliografia científica no que diz respeito ao fenômeno de alternância entre os casos genitivo e acusativo deve-se, em grande parte, ao genitivo da negação. Ocorre que, de acordo com a gramática tradicional do russo, objetos diretos de orações negativas devem ser marcados com o caso genitivo, entretanto, o que muitos estudiosos observaram na realidade linguística foi que o genitivo de negação vem perdendo espaço para o acusativo na marcação dos complementos verbais de sentenças de polaridade negativa ao longo da história da língua russa.

De acordo com Paducheva (2006), já no século XIX, era possível observar em alguns textos literários, como os de Pushkin¹, a marcação de objetos diretos negados com o caso acusativo, o que evidencia que a alternância genitivo-acusativo para sentenças de polaridade negativa é um fenômeno produtivo. Um trabalho importante sobre o assunto é o de Timberlake (1975, 2004), em que o autor sugere que o caso genitivo esteja em processo de desaparecimento na língua. Isso poderia ser explicado por meio de uma série de fatores que estariam motivando o favorecimento de um caso ou outro, tornando, assim, o genitivo mais restrito, o que favorece seu desaparecimento futuro.

Apesar do genitivo da negação ser o mais estudado dentro do fenômeno de alternância entre os casos genitivo e acusativo, existem trabalhos que se dedicam à análise do mesmo fenômeno, mas em contextos distintos, como é o caso de Nessel e Kuznetsova (2015), que estudam a alternância genitivo-acusativo em sentenças de polaridade positiva. Nesse caso, a alternância ocorrerá em objetos que são acompanhados por verbos de regência genitiva.

Na língua russa, de modo geral, os objetos diretos são marcados com o caso acusativo, contudo, existe alguns grupos de verbos que divergem desse padrão, como ocorre com os verbos que são regidos pelo genitivo. Em 2.1 e 2.2, apresentaremos brevemente as teorias sobre a alternância genitivo-acusativo em construções de polaridade positiva de Timberlake (1975, 2004) e Nessel e Kuznetsova (2015).

2.1 TIMBERLAKE (1975, 2004)

Buscando entender o que estaria motivando a alternância entre os casos genitivo e acusativo para a marcação do objeto direto em sentenças de polaridade negativa, Timberlake

¹ Aleksander Pushkin (1799-1837) é o escritor mais importante da língua russa, sendo reconhecido como o patrono e fundador da literatura russa moderna (WIKIPÉDIA, 2022).

(1975, 2004) sugere conjuntos de parâmetros referentes à semântica do verbo, do objeto e acerca do contexto das orações. Para essa análise, o autor trabalha com um *continuum* de aceitabilidade, em que frases são apresentadas para nativos do russo e, através das respostas obtidas, as orações são julgadas como mais aceitas na língua ou menos aceitas. A partir dessa investigação, o autor propõe que o genitivo da negação estaria restrito a alguns fatores, o que faria que o caso se tornasse cada vez mais especializado, favorecendo seu desaparecimento.

Dentro dessa proposta, Timberlake (1975, 2004) sugere que os parâmetros postulados estariam selecionando os contextos em que o genitivo teria mais probabilidade de ocorrer e, por essa razão, estariam organizados em hierarquias. O termo “hierarquia” é utilizado pelo autor não para estabelecer um grau de importância entre os parâmetros, mas sim porque eles estariam em um nível acima da estrutura propriamente dita, selecionando em qual contexto o genitivo será utilizado e em qual não. Nesse sentido, o autor estabelece três tipos de hierarquias: hierarquia dos participantes (objetos), composta por fatores como animacidade, partitividade, definitude, número, entre outros; hierarquia do evento (verbo), composta por parâmetros como finitude, aspecto, modo, entre outros; e, por fim, outras hierarquias à parte, que são a hierarquia morfológica — que se refere às declinações — e a hierarquia estilística — que aborda o registro. Para esta análise, consideramos apenas a hierarquia dos participantes e a hierarquia estilística.

2.2 NESSET E KUZNETSOVA (2015)

Buscando compreender se o que se observou para a alternância genitivo-acusativo em sentenças de polaridade negativa também estaria ocorrendo com as de polaridade positiva, Nessel e Kuznetsova (2015) desenvolveram uma análise quantitativa, na qual buscaram responder a três questões relativas ao fenômeno: 1) em que medida verbos com regência de genitivo marcam o objeto direto com o caso acusativo?; 2) que fatores motivam o uso de acusativo?; 3) estamos diante de uma mudança em curso?. Para tanto, os autores consideraram uma lista de 24 verbos, com base em alguns dicionários e gramáticas da língua russa. Com o auxílio do Corpus Nacional da Língua Russa (CNLR), eles verificaram que, desse conjunto de 24 verbos, apenas 10 ocorriam com o acusativo, sendo que 5 apresentaram um número de ocorrências muito baixo para uma análise quantitativa, tendo sido necessário descartá-los. Dessa forma, restou apenas um pequeno grupo composto pelos verbos: *bojat'sja* (temer); *dojdat'sja* (esperar); *dostigat'* (alcançar); *izbegat'* (evitar) e *slušat'sja* (obedecer). Sobre esses verbos, foi feito um trabalho diacrônico investigando textos escritos desde 1825 até a data de publicação do presente estudo.

Com base nessa análise, Nessel e Kuznetsova (2015) chegaram à conclusão de que existe uma hierarquia entre os tipos de verbos analisados, ao passo que alguns possuem mais afinidade com o acusativo do que outros: *slušat'sja* (obedecer) > *dojdat'sja* (esperar) > *bojat'sja* (temer) > *dostigat'* (alcançar) > *izbegat'* (evitar). Desse modo, os autores sugerem que *slušat'sja* (obedecer) seja o verbo com a maior afinidade com o acusativo, enquanto *izbegat'* (evitar) seria o com menor afinidade. Fazendo uma análise qualitativa dos dados, tendo como base alguns dos parâmetros propostos por Timberlake (1975, 2004), Nessel e Kuznetsova (2015) concluem que a escolha do acusativo estaria condicionada à combinação de quatro fatores: individualização do objeto²; opacidade da partícula reflexiva *-sja* (nos casos de *dojdat'sja* e *bojat'sja*); proximidade semântica; e frequência de ocorrência. Por fim, fazendo uma comparação diacrônica, os autores também constataram um aumento do uso do acusativo para esses verbos, os quais seriam inicialmente regidos pelo genitivo, o que indicaria uma mudança linguística em curso, com o acusativo avançando sobre o genitivo. Este trabalho visa replicar esse estudo feito por Nessel e Kuznetsova (2015) para dados de fala e, para tanto, levou-se em consideração a proposta de afinidade verbal, bem como os parâmetros de individualização do objeto postulados por Timberlake (1975, 2004).

² A individualização do objeto está ligada à hierarquia dos participantes, sugerida por Timberlake (1975, 2004). É proposto que objetos mais individualizados tenham maior probabilidade de serem marcados com o caso acusativo, enquanto os com menor afinidade tenham maior probabilidade de serem marcados com o genitivo.

3 MODELOS BASEADOS NO USO

Os Modelos Baseados no Uso (MBU) consistem em um conjunto de vertentes teóricas, as quais, segundo Barlow e Kemmer (2000), têm como um de seus princípios a emergência da língua como representação mental a partir da experiência com instâncias de uso. Dentro dessa perspectiva, a língua é vista como o resultado de um conjunto de fatores intra e extralinguísticos que trabalham em conjunto, modelando e remodelando os conhecimentos linguísticos, bem como outras áreas da experiência humana.

Partindo de uma metáfora utilizada por Bybee (2010, p. 1) no primeiro capítulo de seu livro intitulado *Language, Usage and Cognition*, é possível descrever a língua dentro de uma abordagem baseada no uso, como sendo semelhante a dunas de areia. Com essa metáfora, a autora aponta que as línguas, assim como esse fenômeno geológico, apresentam uma “[...] estrutura aparente e padrões regulares ao mesmo tempo que apresentam consideráveis variações em todos os níveis [...]” (BYBEE, 2010, p. 1, tradução nossa). Em outros termos, ao comparar a linguagem humana com dunas de areia, Bybee (2010) aponta que as diversas línguas existentes, apesar de serem modeladas e regidas pelos mesmos princípios, apresentam divergências à medida que sofrem interferências outras que não se reduzem às habilidades cognitivas do homem.

Diante disso, é possível inferir que os conhecimentos linguísticos são formados por duas faces que estão em constante interação, uma interna à natureza humana e outra que permeia a comunidade de fala, conforme exposto em Beckner *et al.* (2009). No que tange à natureza humana, uma das principais características dos MBU é a ideia de o conhecimento linguístico ser estabelecido com o auxílio de processos cognitivos, os quais estariam ligados a todos os aspectos da experiência humana, não se restringindo à linguagem. Dentro de uma perspectiva baseada no uso, tem-se a concepção de que, inserido em uma comunidade linguística, o falante tem contato direto com os códigos linguísticos e suas aplicações, a partir dessa exposição, ele identifica padrões e, com o auxílio de habilidades cognitivas, organiza-os na mente de tal modo que o resultado é a língua falada naquela comunidade. Essas habilidades cognitivas, dentro da literatura baseada no uso (BARLOW & KEMMER, 2000; BECKNER *et al.*, 2009; BYBEE, 2010; DIESSEL, 2019), são nomeadas habilidades cognitivas de domínio geral ou processos cognitivos de domínio geral. Tais processos são denominados de “domínio geral”, pois, conforme aponta Bybee (2010), permeiam outras áreas da cognição humana além da linguagem, o que inclui, por exemplo, as habilidades matemáticas, o raciocínio lógico, os conhecimentos de mundo, entre outros. Para fins de exemplificação, serão nomeados, no Quadro 1, os

processos abordados por Bybee (2010) e que serão de grande importância para situar este trabalho dentro de uma perspectiva baseada no uso.

Quadro 1 — Processos cognitivos de domínio geral segundo Bybee (2010)

PROCESSOS COGNITIVOS DE DOMÍNIO GERAL	DEFINIÇÃO
Memória Rica	Diz respeito à capacidade da memória humana de armazenar detalhes da experiência com a língua.
Analogia	Refere-se à habilidade de criar padrões novos com base em comparações com aqueles que já foram experienciados.
Categorização	É o agrupamento de padrões com base em similaridades entre eles.
Chunking	É quando sequências de unidades unem-se formando unidades mais complexas.

Fonte: Bybee (2010).

Em síntese, no que diz respeito aos aspectos intralinguísticos desse tipo de abordagem teórica, a língua é vista como emergente da interação entre as instâncias de uso e as habilidades cognitivas de domínio geral, as quais atuam processando e organizando as informações linguísticas. Nesse sentido, é evidente que, em uma perspectiva baseada no uso, a cognição humana exerce apenas uma parte do trabalho na formação do conhecimento linguístico. Desse modo, sendo as instâncias de uso uma parte fundamental da origem da língua, não é equivocado pensar que o fator social é de extrema relevância para a sua formação, conforme aponta Beckner *et al.* (2009).

Diante do exposto, pode-se inferir que, dentro de um viés baseado no uso, a linguagem possui múltiplas faces. Essas faces teriam, então, um lado no qual se configura a cognição humana, o fator natural, e no outro a comunidade de fala, que é um fator não só social, mas também cultural. De acordo com Beckner *et al.* (2009), a língua não teria como existir se fosse apenas pelas habilidades cognitivas. Os autores argumentam que a linguagem humana é usada para a interação social e, por esse motivo, ela é dependente do papel que desempenha nas sociedades em que é utilizada. Nesse sentido, postula-se que a língua, na verdade, é um sistema adaptativo complexo, pois suas estruturas linguísticas “[...] emergem de padrões interligados de experiência, interação social e mecanismos cognitivos [...]” (BECKNER *et al.*, 2009, p. 2, tradução nossa). Partindo dessa ideia, os autores apresentam sete características que

demonstram a língua como um sistema adaptativo complexo, as quais estão expostas no Quadro 2.

Quadro 2 - Características de um sistema adaptativo complexo conforme Beckner *et al.* 2009

Características	Definição
Idioletos e socioletos	A língua existe no nível individual (chamado pelos autores de idioleto) e no nível comunitário e esses dois níveis são interdependentes, ou seja, o idioleto só existe por conta de experiências prévias com a língua comunitária e esta, por sua vez, só existe por conta de um conjunto de idioletos.
Diversidade intrínseca	A língua é intrinsecamente diversificada à medida que os idioletos são resultados de experiências individuais de uso.
Dinamicidade	A língua é sempre dinâmica, já que os idioletos e a língua comunitária estão em constante interação.
Amplificação e/ou competição como forma de adaptação	A adaptação dá-se por meio da amplificação e/ou da competição de múltiplos elementos que estão em constante interação.
Não linearidade e transição em fases	Por estar em um sistema dinâmico, a língua não costuma ser linear e, por essa razão, apresenta fases de transição em seus processos de mudança.
Dependência da estrutura da rede social	A língua depende da estrutura da rede social em que está inserida, à medida que as interações linguísticas são guiadas por elas.
A mudança linguística é local	As mudanças linguísticas ocorrem por meio de mudanças locais que vão se expandindo até serem consolidadas na comunidade de fala.

Fonte: Beckner *et al.* (2009).

Portanto, este trabalho está localizado dentro de um quadro teórico baseado no uso, pois entendemos a variação entre os casos genitivo e acusativo para marcar o objeto direto de verbos transitivos em estruturas de polaridade positiva como uma questão de processamento que se tornou geral na comunidade de fala. Em outras palavras, nesta análise, parte-se da ideia de que o avanço do acusativo sobre o genitivo configura-se por meio de uma série de processos cognitivos de domínio geral, encabeçados pela analogia, à medida que o acusativo é o caso mais generalizado na língua no que diz respeito aos complementos verbais. Desse modo, compreende-se aqui que, em algum momento da história da língua russa, os falantes partiram de uma comparação entre tipos de verbos e objetos, observando a frequência do uso destes com

o caso acusativo, e, dessa forma, abstraíram e categorizaram tal configuração estrutural. Por meio dos registros de experiências prévias com essas estruturas armazenadas na memória, esse processo foi se espalhando dentro da comunidade de fala de tal forma que acabou abrangendo, também, verbos regidos pelo caso genitivo.

Apesar de parecer uma classificação coerente para esta análise, classificar esta investigação como partindo de um viés teórico baseado no uso é algo genérico, já que, conforme mencionado na seção introdutória, a nomenclatura MBU é um termo “guarda-chuva” que abrange diversas concepções teóricas de língua. Neste trabalho, leva-se em consideração o modelo teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), a qual será brevemente caracterizada em 3.1.

3.1 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO

Até o momento observou-se que a nomenclatura “Modelos Baseados no Uso” (MBU) é um termo “guarda-chuva” que engloba um conjunto de teorias que têm como ponto de interseção as origens e a composição do conhecimento linguístico. Nesta subseção, cabe destacar que esses são os únicos pontos em comum entre esses quadros teóricos. Isso ocorre porque, dentro dos MBU, existe uma pluralidade de concepções no que concerne à arquitetura da linguagem. A esse respeito, este trabalho tem como fundamentação teórica a Gramática de Construções Baseada no uso.

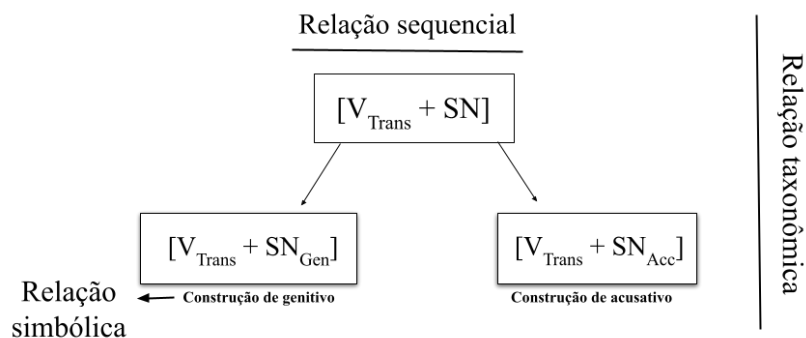
A Gramática de Construções (GC) é uma teoria linguística que, segundo Diessel (2019), não se restringe apenas aos MBU. A GC é uma vertente linguística que trata especificamente da arquitetura da linguagem. Dentro desse quadro teórico, conforme aponta Marques, Alonso e Pinheiro (2017), a gramática é composta por unidades linguísticas denominadas construções. A ideia de construção, de acordo com Diessel (2019), pode variar entre os linguistas que adotam esse modelo teórico, mas para fins práticos, nesta análise, concebe-se como construção o pareamento direto entre forma e significado, em que, segundo Marques, Alonso e Pinheiro (2017), “forma” diz respeito à forma fonológica, morfossintática e prosódica; e “significado” refere-se ao conteúdo semântico, pragmático e discursivo. Para um modelo construcionista ser considerado baseado no uso, é preciso que ele adote as concepções de tais quadros teóricos, como, por exemplo, as construções serem vistas como emergentes das instâncias de uso.

Com isso, nesta análise se utiliza como referência a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), conforme descrita por Diessel (2019), em que o autor propõe que o conhecimento linguístico seja um resultado da combinação das experiências de uso da língua

com processos cognitivos de domínio geral. Dentro dessa perspectiva, a linguagem, assim como a gramática, é considerada um mecanismo dinâmico, o qual está sendo modelado e remodelado por meio das instâncias de uso da língua. Dentro desse quadro, segundo Diessel (2019), a gramática consiste em uma rede de signos, os quais são interpretados como unidades simbólicas convencionalizadas que pareiam forma e significado, ou seja, uma rede de construções.

A concepção da arquitetura gramatical como sendo composta por uma rede é pertinente para quadros teóricos baseados no uso uma vez que é a melhor forma de representação de modelos dinâmicos, conforme aponta Barlow e Kemmer (2000). O modelo de rede proposto por Diessel (2019) apresenta como componente central as estruturas linguísticas, que são interpretadas pelo autor de forma semelhante ao conceito de signo de Saussure, isto é, são o produto da associação entre conceito e imagem acústica. Nessa proposta, as construções estão ligadas entre si por meio de *links* gerados por associações entre elas, o que é fruto do processamento cognitivo das experiências do falante com tais estruturas. Essas associações, de acordo com Diessel (2019), ocorrem em níveis gramaticais distintos, constituindo, assim, três tipos de relações: relação simbólica, que se refere ao nível dos signos, em que, por meio de processos associativos, como, por exemplo, a analogia, uma determinada construção constitui uma rede, conectando-se a outras construções; relações sequenciais, que se refere à associação entre elementos linguísticos que estão em sequência; relações taxonômicas, as quais dizem respeito à organização hierárquica da gramática, partindo de um nível menos abstrato até o mais abstrato. Na Figura 1, é possível observar um exemplo dessas relações, com base nas construções de análise deste trabalho.

Figura 1 - A rede das construções de acusativo e genitivo



Fonte: elaborada pelo autor.

Na Figura 1, expõe-se as construções de acusativo e genitivo, que são as estruturas em escrutínio. A título de exemplificação, na parte superior, foi destacada a construção transitiva mais abstrata, seguida pelas construções de genitivo e de acusativo. O esquema não representa a rede real dessas construções, mas pode ser usado para exemplificar as relações propostas por Diessel (2019). Na parte superior, tem-se a representação da relação sequencial, composta pelo verbo transitivo e o sintagma nominal. Na segunda linha, tem-se a relação simbólica, com a estrutura composta pelo verbo transitivo e o sintagma nominal marcado com o caso genitivo, sendo associada à construção de genitivo, que é a mesma relação estabelecida no caso da construção de acusativo. Por fim, a relação taxonômica, que engloba as duas linhas, sendo composta pelas estruturas mais concretas e a mais abstrata que estão organizadas de forma hierárquica.

Dentro da perspectiva sugerida por Diessel (2019), cada construção possui sua própria rede, o que permite que uma construção seja ao mesmo tempo o centro de sua rede e a periferia de outra. Essas conexões, conhecidas como *links* associativos, têm valores distintos, quanto mais frequentemente uma determinada relação é ativada, mais forte torna-se a associação, fazendo com que a recuperação de tal estrutura seja mais rápida durante a dinâmica da interação linguística. Desse modo, as instâncias de uso interferem diretamente nas redes, uma vez que aquelas são as responsáveis pela ativação dessas conexões.

Compreende-se que o uso do acusativo em determinados contextos e do genitivo em outros tem a ver com associações feitas por meio de experiências prévias com modelos semelhantes, o que agrupa as duas estruturas em locais diferentes na rede gramatical do falante. Essas relações são fortalecidas por intermédio de instâncias de uso, resultando no conseqüente avanço do acusativo em determinados contextos nos quais são esperados o genitivo. A especificação desses contextos será feita nas seções posteriores.

4 METODOLOGIA

Para esta análise, foram coletados dados de fala da seção oral do Corpus Nacional da Língua Russa (CNR), disponível em <https://ruscorpora.ru/new/en/index.html>. Esse *corpus* consiste em um amplo banco de dados que inclui variadas seções com número diversificado de palavras, a saber: seção principal (com 321.783.495 palavras), seção sintática (com 1.246.045 palavras), seção jornalística (com 332.645.828 palavras), seção paralela (com 135.488.406 palavras), seção estudantil (com 321.783.495 palavras), seção dialetal (com 395.440 palavras), seção poética (com 12.407.747 palavras), seção oral (com 13.001.274 palavras), seção dialetológica (com 132.392.236 de palavras), seção multimídia (com 5.114.560 palavras), seção multimídia paralela (com 201.620 palavras) e seção histórica (com 573.252 palavras). Nessel e Kuznetsova (2015) valeram-se dos *corpora* jornalístico e principal para suas análises. Tais *corpora* são drasticamente maiores do que o *corpus* oral.

Diante disso, tendo como base o trabalho de Nessel e Kuznetsova (2015), nesta análise foi selecionado o mesmo conjunto de cinco verbos regidos por genitivo estudados pelos autores: *bojat'sja* (temer), *dostigat'* (alcançar), *dojdat'sja* (esperar), *izbegat'* (evitar) e *slušat'sja* (obedecer). No entanto, desses cinco verbos, apenas três retornaram um número significativo de ocorrências com o caso acusativo, isto é, uma quantidade que viabilizava o desenvolvimento de análises estatísticas. Com isso, trabalhou-se apenas com os verbos *bojat'sja* (temer), *dostigat'* (alcançar) e *slušat'sja* (obedecer). Além disso, é importante destacar que não foram levadas em consideração as formas perfectivas desses verbos.

Por se tratar de um *corpus* oral desenvolvido a partir da transcrição de dados de fala, foi necessário filtrar algumas ocorrências para que não gerassem problemas de análise. Na língua russa, o sincretismo morfológico entre as marcações de casos é muito frequente. No que diz respeito aos casos genitivo e acusativo, quando se trata de substantivos e adjetivos cujo referente é masculino animado, a distinção entre os casos não se faz possível, já que há a neutralização das desinências utilizadas, ou seja, elas são homófonas. Nesse sentido, os dados que apresentavam como objeto direto substantivos com referentes masculinos animados foram descartados da análise, salvo os casos em que esses substantivos terminavam em *-a* ou *-ja* (*papa* - pai; *djadja* - tio; *mujtchina* - homem, entre outros)³.

³ Substantivos masculinos terminados em *-a* ou *-ja* são exceções nas declinações do russo, pois possuem terminações típicas do gênero feminino. Por essa razão, estes são declinados como substantivos femininos. Como não há sincretismo morfológico entre as desinências de genitivo e acusativo para o gênero feminino, os dados que tinham como objeto direto substantivos com referentes masculinos animados terminados em *-a* ou *-ja* não precisaram ser retirados da análise (cf. TIMBERLAKE, 2004).

Além de objetos com referentes masculinos animados, também foi necessário descartar dados que apresentavam como objeto direto substantivos neutros terminados em *-o* e *-e* átonos. Isso porque tais substantivos possuem um comportamento fonológico especial no que diz respeito ao acusativo. Nesses casos, ocorre uma neutralização fonológica entre as desinências de acusativo e genitivo devido à redução do quadro de vogais finais átonas no russo. Desse modo, as vogais [o] e [e] tendem a ser reduzidas para /e/ (*slovo* [palavra] → *slova* e *vnimanie* [atenção] → *vnimania*). Logo, não é possível distinguir o caso acusativo do genitivo⁴ e, assim, a análise torna-se inviável. Mesmo quando a anotação do *corpus* marca alguma diferença, ainda assim não é possível fazer a distinção uma vez que essa anotação é baseada na avaliação de quem transcreveu a amostra e não na realização concreta do dado.

É importante destacar, também, que, para este trabalho, levou-se em consideração apenas a ordem sujeito/verbo/objeto (SVO), sendo esta compreendida como a ordem vocabular não marcada da língua. Ademais, dados que continham erros de digitação, sentenças incompletas e pausas entre o verbo e o objeto (representadas pelo CNLR por vírgulas, pontos ou reticências) também foram descartados. Por fim, devido ao fato desta investigação debruçar-se sobre a manifestação do fenômeno na modalidade oral da língua, foi necessário descartar dados referente à leitura de obras literárias, pois estas, originalmente, foram produzidas na modalidade escrita. Com isso, obteve-se um *corpus* com um total de 293 dados.

Considerando o total obtido, foi realizada uma análise quantitativa dos dados, tendo como base os parâmetros hierárquicos para a individualização do objeto propostos por Timberlake (1975, 2004): animado e inanimado; nome próprio e nome comum; singular e plural; contável e massivo; concreto e abstrato; além da hierarquia do estilo. Os dados analisados foram processados, considerando o *software* de análises estatísticas R. Foram aplicados os testes de qui-quadrado e exato de Fisher, que são considerados testes de independência, nos quais se busca avaliar se há dependência ou não entre as variáveis em estudo, ou seja, se as variáveis estão associadas entre si ou não (cf. LEVSHINA, 2015). O teste exato de Fisher foi aplicado em todos os casos em que os valores obtidos por meio do de qui-quadrado eram imprecisos, como ocorria, por exemplo, quando as células apresentavam números inferiores a 5. Além desses testes, também foi aplicado o teste de contingência de Cramer V, o qual mede a força da associação entre as variáveis (cf. LEVSHINA, 2015). Ademais, foi feito um cálculo de proporções simples entre as amostras da seção oral, principal

⁴ Na língua russa, substantivos neutros no acusativo singular possuem a mesma forma do caso nominativo, ou seja, a mesma forma que a palavra aparece no dicionário, já o caso genitivo singular é marcado com a desinência *-a* (cf. TIMBERLAKE, 2004).

e jornalística, com o objetivo de comparar os resultados relativos à amostra de fala obtidos nesta investigação com os resultados de Nessel e Kuznetsova (2015) para a escrita. Na próxima seção, serão apresentados os resultados obtidos para os dados de fala.

5 ANÁLISE

Nesta investigação, foi feita uma análise quantitativa levando em consideração alguns parâmetros propostos por Timberlake (1975, 2004) no que concerne à individualização do objeto, bem como a estilística. Segundo a proposta de individualização do objeto, sugerida pelo autor, quanto mais individualizado é um objeto, maior a probabilidade de ele vir marcado pelo caso acusativo, em contrapartida, quanto menos individualizado, maior as chances de ele ser marcado com o genitivo. Desse modo, foram analisados os seguintes traços com relação ao objeto direto: animado e inanimado; próprio e comum; singular e plural; contável e massivo; concreto e abstrato. Desses traços, apenas as dicotomias de animacidade, tipo de nome e grau de abstração apresentaram um impacto significativo na escolha entre os casos. Com isso, no que se refere aos parâmetros de individualização do objeto, serão apresentados nesta seção apenas os resultados referentes aos três traços mencionados.

No que tange à estilística textual, nesta pesquisa, trabalhou-se com a ideia de registro, considerando-se uma distribuição gradual de um registro mais formal até o menos formal, o que tornou a hierarquia de estilo passível de análise. Nesse sentido, foi adotada a caracterização de “estilo” tal como proposta em Lytkina, Selezneva e Ckorokhodova (2016), em que o grau de formalidade do texto está diretamente ligado ao gênero textual. Tal definição será mais bem explicada na seção 5.3. Ademais, também foi incluído o fator tipo de verbo, com base na proposta de Nessel e Kuznetsova (2015) de que alguns verbos teriam mais afinidade com o caso acusativo do que outros. Nas próximas subseções, serão apresentados os resultados.

5.1 VERBO

O fator “verbo” foi incluído nesta análise com base na proposta de Nessel e Kuznetsova (2015) de que alguns verbos teriam mais afinidade com o caso acusativo do que outros. Nesse sentido, os autores propõem a seguinte hierarquia verbal de afinidade com o acusativo: *slušat'sja* (obedecer) > *dojdat'sja* (esperar) > *bojat'sja* (temer) > *dostigat'* (alcançar) > *izbegat'* (evitar). De acordo com essa hierarquia, o verbo *slušat'sja* é considerado como o de maior afinidade com o acusativo na modalidade escrita da língua, enquanto *izbegat'* é o de menor afinidade. Partido dessa ideia, os exemplos em (3) e (4), que fazem parte do *corpus* analisado neste estudo, ilustram a variação entre os casos genitivo e acusativo de acordo com o verbo utilizado.

(3) [CNLR – *dostigat'*]

oní dostigáj-ut velikolépn-oj cél-i – oní pokazá-l-i-s’ na èkráne,
 3PL **alcançar**-3PL magnífico-GEN objetivo-GEN 3PL aparecer-PST-PL na tela,
 Eles **alcançaram** um **objetivo magnífico** – apareceram na tela, [...].

(4) [CNLR – *slušat’sja*]

Slúšajsja bábušk-u.

Obedecer.IMP avó-ACC.

Obedeça a sua avó.

Em (3), observa-se um exemplo de ocorrência de *dostigat’* (alcançar) com o genitivo, enquanto, em (4), tem-se uma ocorrência de *slušat’sja* com o acusativo. Diante disso, nessa proposta, sugere-se que, em (3), o uso do caso genitivo para marcar o objeto direto estaria sendo influenciado, dentre outros fatores, pelo verbo *dostigat’* – de menor afinidade com o acusativo –, enquanto em (4), o acusativo estaria sendo atraído por *slušat’sja* – de maior afinidade com o respectivo caso.

Com isso, comparando os resultados obtidos por Nessel e Kuznetsova (2015) para a escrita e os resultados obtidos mediante os dados de fala, o fator “verbo” foi o que apresentou um dos melhores indicativos. É necessário lembrar que, apesar da hierarquia de afinidade com o caso acusativo, os autores ressaltam que, embora *slušat’sja* (obedecer) tenha mais afinidade com o acusativo dentre os demais verbos analisados, o genitivo ainda permanece como o caso padrão, representando a maioria das ocorrências referentes a esse verbo. Contudo, no que se refere aos dados de fala, a afinidade com acusativo, para *slušat’sja* (obedecer), mostrou-se tão produtiva quanto na escrita, conforme apresenta a Tabela 1.

Tabela 1 - Números de ocorrências da variável “verbo” para cada caso

Verbo	Acusativo		Genitivo		Comparação Nessel e Kuznetsova (2015)	
	# Oral	%	#Oral	%	#Principal	#Jornalístico
<i>Bojat'sja</i>	13	7	166	93	1,41	2,26
<i>Dostigat'</i>	6	6	93	94	0,77	0,21
<i>Slušat'sja</i>	11	73	4	27	2,79	0,98

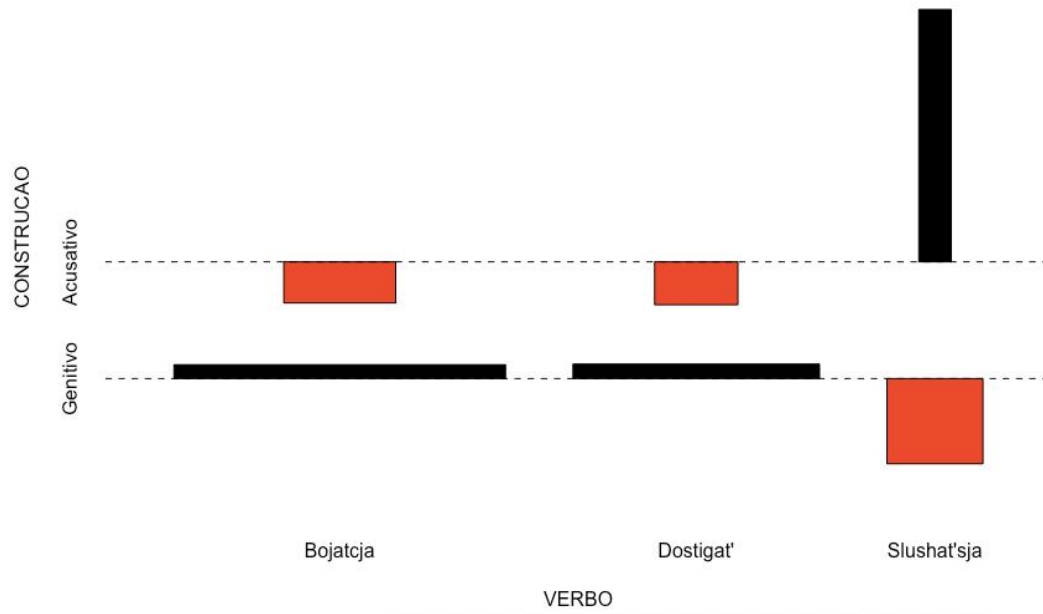
Fonte: elaborada pelo autor.

A Tabela 1, obtida por meio dos resultados gerados pelo *software* de análises estatísticas R, apresenta a distribuição das ocorrências dos casos acusativo e genitivo para os três verbos analisados (*bojat'sja* – temer; *dostigat'* – alcançar e *slušat'sja* – obedecer). Além disso, a coluna “comparação Nessel e Kuznetsova (2015)” traz os números de ocorrências esperados na fala para cada verbo, em comparação com os resultados obtidos pelos autores para a escrita. Tais valores foram gerados mediante o cruzamento (por meio de um cálculo de proporções simples) dos números totais de ocorrências de cada verbo nos *corpora* jornalístico e principal no site do CNLR – o mesmo utilizado por Nessel e Kuznetsova (2015) – com os números totais de ocorrências de cada verbo no *corpus* oral do mesmo site.

Conforme aponta a Tabela 1, os verbos *bojat'sja* (temer) e *dostigat'* (alcançar) são majoritariamente acompanhados pelo caso genitivo, sendo este responsável por 93% e 94% das ocorrências referentes a esses verbos, respectivamente. Por outro lado, as ocorrências de *slušat'sja* (obedecer) dão-se, em grande parte, com o acusativo, sendo ele responsável por 73% das ocorrências desse verbo. Com base nesses resultados, traçou-se um paralelo com os resultados obtidos por Nessel e Kuznetsova (2015). Pode-se observar uma diferença significativa com relação ao verbo *slušat'sja* (obedecer), no que diz respeito às modalidades escrita e oral da língua. Analisando dados de escrita, os autores concluíram que, dentre todos os verbos analisados, *slušat'sja* (obedecer) era o de maior afinidade com o acusativo, mesmo conservando o genitivo como o caso predominante. No que se refere aos dados de fala, notou-se um comportamento diferente para esse verbo, tendo o acusativo configurado a maioria de suas ocorrências. O gráfico de associação gerado pelo R apresentado na Figura 2 deixa mais evidente o que as porcentagens apontam. O gráfico deve ser lido da seguinte forma: as colunas

em preto representam o grau de afinidade, enquanto as colunas em vermelho representam o grau de rejeição.

Figura 2 - Gráfico de associação gerado pelo software R



Fonte: elaborada pelo autor.

De acordo com o gráfico apresentado (ver Figura 2), é possível observar que o verbo *slušat'sja* (obedecer), além de apresentar uma grande afinidade com o caso acusativo, também demonstrou ter uma considerável rejeição ao genitivo. O que difere, em certa medida, o comportamento desse verbo em comparação à escrita. Desse modo, é possível sugerir que o verbo *slušat'sja* (obedecer), no que concerne à modalidade oral da língua, já apresenta indícios de uma mudança de paradigma quanto à sua regência de caso.

No que se refere ao cálculo de proporções feito para comparar o número de ocorrências dos *corpora* jornalístico e principal, utilizados por Nessel e Kuznetsova (2015), com o *corpus* de fala, foi possível observar que as ocorrências de acusativo foram muito maiores do que se esperava para todos os três verbos analisados. Desse modo, é possível inferir que o acusativo pode estar mais disseminado na fala, não só para o verbo *slušat'sja*, mas também para *bojat'sja* (temer) e *dostigat'* (alcançar).

Por último, para entender a relevância estatística do fator “verbo”, foi aplicado o teste exato de Fisher, o qual resultou num “p” valor igual a $4,249^{-09}$, que é considerado um número estatisticamente significativo, o que indica que as variáveis “caso” e “verbo” estão correlacionadas. Além da relevância estatística, também se averiguou qual o impacto desse fator

na escolha de caso. Para tanto, foi aplicado o teste de Cramer V^5 , que resultou em um valor de “V” igual a 0,484, o que indica que o fator “verbo” exerce um efeito de tamanho moderado, sendo considerado, assim, um fator relevante para a alternância genitivo-acusativo. Diante disso, conclui-se que o tipo de verbo influencia significativamente na alternância genitivo-acusativo, configurando, conforme já havia sido apontado por Nessel e Kuznetsova (2015), uma hierarquia de preferência pelo caso acusativo, constituindo-se da seguinte forma: *slušat’sja* (obedecer) > *bojat’sja* (temer), *dostigat’* (alcançar).

5.2 INDIVIDUALIZAÇÃO DO OBJETO

5.2.1 Animacidade

A animacidade é um dos traços que compõem a teoria da individualização do objeto proposta por Timberlake (1975, 2004). Segundo o autor, quanto mais animado é o referente de um objeto, maior é a probabilidade de ele vir marcado com o caso acusativo, em contrapartida, quanto mais inanimado for o referente, maior é a probabilidade de ele vir marcado com o genitivo. Diante disso, os exemplos (5) e (6) representam o que seria a alternância entre os casos no que se refere ao fator animacidade, para tanto, foram selecionadas amostras do mesmo verbo (*slušat’sja* – obedecer) para que fique evidente a relação animacidade-construção.

(5) [CNLR – Inanimado]

Samoljot plókho slúšaetsja rul-já vysoty.

avião mal **obedecer**-3S leme-GEN altitude-GEN.

O avião mal **obedece** ao **leme** de profundidade⁶.

(6) [CNLR – Animado]

Khorošo vestí cebjá i slúšat’sja mám-u.

Comportar.IMP REF e **obedecer**.IMP mãe-ACC.

Comporte-se bem e **obedeça** à **mãe**.

⁵ De acordo com Levshina (2015, p. 200), o teste de Cramer V é um teste de dependência no qual se calcula o tamanho da força da correlação entre as variantes. Ainda segundo Levshina (2015, p. 209), o valor de “V” é calculado entre os intervalos de 0 a 1, em que valores próximos a 0 indicam um tamanho de efeito baixo na correlação entre as variantes e valores próximos a 1 sugerem um tamanho de efeito alto.

⁶ Leme de profundidade localiza-se na parte posterior do avião e determina a direção vertical do voo. (cf. AULETE DIGITAL, 2022).

Em (5), observa-se um objeto direto inanimado (leme de profundidade) marcado com o caso genitivo. Já em (6), evidencia-se uma ocorrência de um objeto direto animado (mamãe) marcado com o acusativo. Portanto, dentro dessa proposta, objetos animados teriam mais tendência a se comportar como em (6), enquanto os inanimados teriam mais tendência a ocorrer como em (5).

Dentre os parâmetros de individualização do objeto propostos por Timberlake (1975, 2004), a animacidade foi o único analisado por Nessel e Kuznetsova (2015). Os resultados encontrados pelos autores indicaram que o caso acusativo apresenta maior preferência por objetos com referentes animados, enquanto o genitivo não apresentou qualquer preferência entre os dois tipos de referência. Diante desses resultados, os autores concluíram que o fator ‘animacidade’ era relevante na escolha entre os casos, mas que não exercia um impacto tão grande quanto o esperado.

No que tange à modalidade oral da língua, a análise mostrou-se um pouco diferente. A Tabela 2 apresenta os resultados gerados pelo *software R*.

Tabela 2 - Números de ocorrências e frequências de ocorrência de objetos animados e inanimados para cada caso.

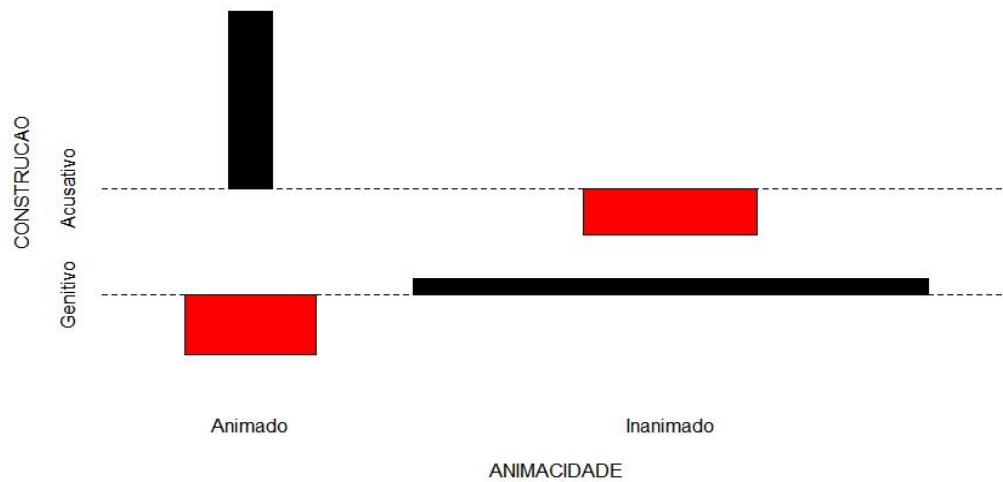
Objeto	Construção de acusativo		Construção de genitivo	
	#Oral	%	#Oral	%
Animado	16	89	2	11
Inanimado	14	5	261	95

Fonte: elaborada pelo autor.

A Tabela 2 apresenta a distribuição dos números de ocorrências de cada caso para cada tipo de referente. Conforme mostram os resultados, para os dados de fala analisados, 89% das ocorrências de construções de acusativo foram com o referente animado, enquanto as construções de genitivo tiveram 95% de suas ocorrências compostas por objetos inanimados. Nesse sentido, é possível observar certo grau de preferência de cada caso por um tipo de referente específico, tendo o acusativo maior afinidade com objetos animados e o genitivo com objetos inanimados.

O gráfico de associação apresentado na Figura 3 deixa nítido tal comportamento. Lembra-se que: as colunas em preto representam grau de afinidade, enquanto as colunas em vermelho representam grau de rejeição.

Figura 3 - Gráfico de associação gerado pelo software R



Fonte: elaborada pelo autor.

Existem alguns pontos que merecem especial atenção no que se refere à Figura 3. Primeiramente, nota-se que o caso acusativo demonstrou ter de fato uma considerável afinidade com objetos animados, enquanto o genitivo apresentou uma sutil afinidade com objetos inanimados, conforme já apontavam as porcentagens da Tabela 2. Contudo, o fato mais interessante apresentado na Figura 3 é a significativa rejeição que o caso genitivo demonstrou ter por objetos animados, o que chegou a ser maior do que sua afinidade com os inanimados. Tal constatação abre margem para que se interprete que o genitivo não necessariamente tem preferência por objetos inanimados, mas sim uma grande rejeição aos animados.

No que se refere aos testes estatísticos, aplicando-se o teste exato de Fisher obteve-se um valor de “p” menor que 2.2^{-16} , ou seja, um valor estatístico bastante significativo, o que indica que os fatores ‘caso’ e ‘animacidade’ estão correlacionados. Já o teste de Cramer V resultou em um valor de “V” igual a 0,664, o que representa um efeito de tamanho alto. Destarte, o fator ‘animacidade’ mostrou-se não só estatisticamente relevante, como também mais significativo do que o fator ‘verbo’, exercendo, assim, uma influência maior na alternância entre o genitivo e o acusativo.

5.2.2 Tipo de nome

O fator ‘tipo de nome’ é composto pela dicotomia “nome próprio x nome comum”, proposta por Timberlake (1975, 2004). De acordo com o postulado pelo autor, o nome próprio

é entendido como um fator que pode contribuir para a individualização do objeto, isto é, o objeto torna-se mais individualizado quando é composto por nomes próprios. Levando em consideração a ideia de que quanto mais individualizado é um objeto maiores são as chances de ele vir marcado com o caso acusativo, Timberlake (1975, 2004) sugere que nomes próprios teriam maior probabilidade de virem marcados com o acusativo, enquanto nomes comuns teriam maior probabilidade de ocorrerem com o genitivo. Nesse sentido, em (7) e (8), ilustra-se a relação tipo de nome-construção, conforme propõe Timberlake (1975, 2004), para tanto, novamente, fez-se uso de um mesmo verbo (*bojat'sja* – temer).

(7) [CNLR – Comum]

Ja boj-ús' vycot-ý.

1S **temer**-1S altura-**GEN**.

Eu **tenho medo** de **altura**.

(8) [CNLR – Próprio]

Amerika boítsja Kitaj i t-u je Japóni-ju.

EUA **temer**-3S China-**ACC** e DEM-**ACC** PART Japão-**ACC**.

Os EUA **temem** a **China** e o **próprio Japão**.

Em (7), ilustra-se a ocorrência de um objeto direto composto por um nome comum (altura) com o caso genitivo. Em (8), tem-se o uso do acusativo com um objeto direto composto por nomes próprios (China e Japão). Portanto, de acordo com o proposto por Timberlake (1975, 2004), os nomes comuns teriam uma tendência maior a se comportar como em (7), enquanto os próprios teriam maior tendência a seguir o exemplo (8). Tendo isso em vista, buscou-se averiguar se esse comportamento se fazia presente na realidade da língua no que tange à alternância entre os casos. A Tabela 3 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 3 - Números de ocorrências e frequências de ocorrência de nomes próprios e comuns

Nome	Construção de acusativo		Construção de genitivo	
	#Oral	%	#Oral	%
Próprio	10	59	7	41
Comum	20	7	255	93

Fonte: elaborada pelo autor.

Na Tabela 3, apresenta-se a distribuição dos números de ocorrências de cada tipo de nome para cada caso, bem como suas respectivas porcentagens. Conforme apontam os resultados, os nomes próprios de fato demonstraram ter uma leve afinidade com as construções de acusativo, sendo responsáveis por 59% das ocorrências, entretanto, essa afinidade não impediu que tais nomes apresentassem uma considerável frequência de genitivo, com este caso compondo 41% das ocorrências. Já no que se refere aos nomes comuns, o genitivo demonstrou ser o caso predominante, representando 93% das ocorrências. Em uma análise preliminar, tais resultados sugerem que enquanto os nomes próprios parecem ser mais receptivos ao acusativo, os comuns apresentam uma maior resistência a ele.

No que diz respeito às análises estatísticas, o teste exato de Fisher gerou um valor de “p” igual a 3.435^{-07} , o que indica que o fator ‘tipo de nome’ se mostrou estatisticamente relevante, mesmo tendo uma significância inferior ao dos fatores previamente analisados. Aplicando o teste de Cramer V, obteve-se um valor de “V” igual a 0,398, o que indica que esse fator exerce um impacto de efeito moderado na escolha entre o acusativo e o genitivo. Desse modo, conclui-se que a dicotomia ‘nome próprio x nome comum’ exerce uma influência de tamanho moderado na alternância genitivo-acusativo.

5.2.3 Grau de abstração do objeto

Nesta subseção, trabalha-se com a dicotomia “concreto x abstrato”, a qual também compõe a hipótese de individualização do objeto proposta por Timberlake (1975, 2004). Conforme sugerido pelo autor, o objeto composto por um nome de referência concreta seria mais propenso a vir marcado pelo caso acusativo, dado seu maior grau de individualização, enquanto um objeto composto por um nome de referência abstrata seria mais propenso a vir marcado pelo genitivo, já que teria um menor grau de individualização. Os exemplos (9) e (10) ilustram o que seria a variação de casos na relação grau de abstração-construção de acordo com Timberlake (1975, 2004).

(9) [CNLR – Abstrato]

Óčen' bojátsja trúdnost-ej/ óčen' bojátsja.

muito **temer**-3PL dificuldade-**GEN**/ muito **temer**-3PL

(Eles/elas) **Têm** muito **medo** de **dificuldades**/ têm muito medo.

(10) [CNLR – Concreto]

Začem boiš 'sja čujógo djádu / a?

INT **temer-2S** de-outra-pessoa.ACC Tio-ACC ah

Para que **temer** o **tio de outra pessoa**, ah?

Em (9), tem-se uma ocorrência de um objeto direto abstrato (“dificuldades”) marcado com o caso genitivo, enquanto, em (10), observa-se uma ocorrência de um objeto direto animado (“tio de outra pessoa”) com o acusativo. De acordo com a proposta de Timberlake (1975, 2004), essa seria a configuração esperada para as ocorrências de objetos concretos e abstratos. Aplicando essa ideia à análise dos dados de fala, obteve-se a Tabela 4.

Tabela 4 - Números de ocorrências e frequências de ocorrência de nomes concretos e abstratos

Nome	Construção de acusativo		Construção de genitivo	
	#Oral	%	#Oral	%
Concreto	21	20	82	80
Abstrato	9	5	180	95

Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme pode ser observado na Tabela 4, ambas as variantes têm a maior parte de suas ocorrências com o caso genitivo, o qual compõe 80% das ocorrências dos nomes concretos e 95% dos nomes abstratos. Contudo, os resultados mais interessantes com relação a esse fator são os expostos pela coluna “construção de acusativo”. De modo geral, apesar dos resultados não serem tão expressivos quanto o esperado, é importante notar que existe uma considerável diferença entre os números de ocorrências dos nomes concretos e dos abstratos para o caso em questão. Enquanto o acusativo apresentou 20% do total de ocorrências de nomes concretos, para os abstratos, correspondeu a apenas 5% das ocorrências. Nesse sentido, em um primeiro momento, é possível inferir que, tanto para os nomes abstratos quanto para os concretos, o genitivo ainda permanece como sendo o caso padrão, mas no que concerne ao avanço do acusativo, este caso aparenta ter uma sutil preferência por nomes de referência concreta.

Com relação aos testes estatísticos, o teste de qui-quadrado apresentou um valor de “p” igual a 6.317^{-05} , o que significa que esse fator se mostrou estatisticamente relevante, mesmo sendo o menos relevante dentre os três analisados para a individualização do objeto. Aplicando o teste de Cramer V, obteve-se um valor de “V” igual a 0,246, o que indica um impacto de efeito

baixo a moderado. Desse modo, apesar dos baixos resultados, o grau de abstração do objeto ainda se mostrou relevante para a escolha entre os casos.

5.3 ESTILO

A hierarquia de estilo também foi proposta por Timberlake (1975, 2004) e, dentro da proposta do autor, serve para identificar o *status* de avanço do acusativo sobre o genitivo sincronicamente. Isso ocorre na medida em que contextos menos monitorados, ou seja, informais e/ou coloquiais, são vistos como sendo mais receptivos a inovações linguísticas. Nesse sentido, de acordo com a proposta de Timberlake (1975, 2004), o genitivo estaria presente em contextos estilísticos neutros e/ou formais, tornando esse caso cada vez mais restrito, o que indica seu futuro desaparecimento.

Diante disso, como este trabalho visa fazer uma investigação sincrônica da alternância genitivo-acusativo com o objetivo de averiguar seu *status* na fala russa, foi feita uma análise estilística dos contextos dos dados coletados. Para tanto, foi utilizado como base o trabalho de Lytkina, Selezneva e Ckorokhodova (2016), em que os autores propõem seis tipos de estilos para a língua russa: científico, literário, publicístico, religioso, oficial e coloquial. Os estilos científico, literário, publicístico e oficial estão localizados entre os registros neutro e formal, enquanto o coloquial se enquadra dentro do registro informal da língua. Com isso, unindo a proposta de Timberlake (1975, 2004) à classificação de Lytkina, Selezneva e Ckorokhodova (2016), os exemplos (11) e (12) ilustram essa alternância genitivo-acusativo de acordo com o registro em que ocorre. Em (11), verifica-se uma ocorrência de genitivo em um contexto mais formal (religioso), enquanto, em (12), observa-se uma ocorrência de acusativo em um contexto menos formal (coloquial).

(11) [CNLR – Entrevista – Religioso]

Davajte boját'sja prázdnik-ov.

Dar.IMP **temer**.INF feriado-GEN-PL

Devemos temer os feriados.

(12) [CNLR – Conversa - Coloquial]

Ja voobšče / vejú žísn' bojálas' mamy, [...]

1S geralmente / toda vida **temer**-PASS-FEM mamãe-ACC

Eu, de modo geral, durante a vida toda **temi a mamãe**, [...].

Portanto, levando em consideração a classificação proposta por Lytkina, Selezneva e Ckorokhodova (2016), a Tabela 5 revela os resultados encontrados.

Tabela 5 - Números de ocorrências e frequências de ocorrência de cada estilo para cada caso

	Construção de acusativo		Construção de genitivo	
	#Oral	%	#Oral	%
Científico	4	7	57	93
Coloquial	15	14	89	86
Literário	0	0	7	100
Oficial	0	0	6	100
Publicístico	9	10	85	90
Religioso	2	9	20	97

Fonte: elaborada pelo autor.

Conforme pode ser observado na Tabela 5, de maneira geral, o genitivo esteve presente na maioria das ocorrências de todos os estilos, sendo que, para o literário e oficial, o caso compõe o total dos dados. No que se refere ao caso acusativo, é interessante notar que dentre os seis estilos analisados, esse caso teve maiores ocorrências em textos coloquiais e publicísticos, representando 14% e 10% das ocorrências, respectivamente. Em uma análise superficial desses resultados, é possível notar um comportamento semelhante ao sugerido por Timberlake (1975, 2004), em que, em contextos menos formais, observa-se uma maior frequência de acusativo, mesmo que mínima. Logo, observou-se que, apesar do genitivo permanecer como o caso predominante para todos os estilos, naqueles que se configuram em contextos mais formais, como o literário e o oficial, não há nenhuma ou poucas ocorrências de acusativo, enquanto, para estilos que ocorrem em contextos menos formais, neutros e coloquiais, o acusativo mostra-se mais presente.

Os testes estatísticos aplicados demonstraram que o fator ‘estilo’ parece não exercer influência na escolha de casos. O teste exato de Fisher resultou em um valor de “p” de 0,651. Por esse ser um valor maior do que 0,05, o resultado indica que é pouco provável que as variáveis ‘estilo’ e ‘caso’ estejam correlacionadas entre si. Já o teste de Cramer V apresentou um valor de “V” igual a 0,123, o que indica que o fator ‘estilo’ exerce um baixo impacto na alternância. Portanto, é possível inferir que o fator ‘estilo’ não está ligado à alternância genitivo-

acusativo, no sentido de intervir diretamente na escolha de casos, mas, sem dúvidas, pode indicar um caminho para compreender o comportamento dos respectivos casos nos contextos de fala sincrônico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou analisar a alternância entre os casos acusativo e genitivo para a marcação do objeto direto de verbos tradicionalmente regidos pelo caso genitivo. Adotou-se construções de polaridade positiva na modalidade oral da língua russa, fundamentando-se em um viés baseado no uso. Dentro dessa proposta, buscou-se replicar a análise feita por Nessel e Kuznetsova (2015) para dados de escrita, com o objetivo de entender em qual estágio de mudança está esse fenômeno na fala em comparação à escrita e identificar quais fatores estariam motivando o uso de um caso em detrimento do outro.

Para tanto, foi feita uma análise com base em um *corpus* oral, tendo como referência a ideia de que uma análise de *corpus* é a melhor forma de se ter acesso a dados reais da língua, podendo-se, assim, chegar a uma evidência empírica sobre a possível configuração do sistema linguístico, de acordo com Barlow e Kemmer (2000). Diante disso, os resultados obtidos não são necessariamente a realidade linguística do russo, mas uma representação dela. Cabe ainda salientar que os achados desta investigação foram gerados com base em um *corpus* de tamanho muito inferior ao utilizado por Nessel e Kuznetsova (2015). A utilização de um *corpus* mais robusto (ainda inexistente em russo) poderia contribuir para a confirmação ou refutação dos dados apresentados.

Desse modo, com base no que mostraram os valores estatísticos, observou-se que o uso do caso acusativo para marcar os objetos de verbos tradicionalmente regidos por genitivo parece estar mais avançado na fala do que na escrita. Ademais, notou-se que o uso do acusativo ou do genitivo está condicionado a um conjunto de fatores, assemelhando-se aos achados de Nessel e Kuznetsova (2015). A esse respeito, evidenciou-se que o fator ‘verbo’ exerce considerável influência na escolha de caso. Notou-se que o verbo *sluřat’sja* (obedecer) apresenta uma maior afinidade com o acusativo nos dados de fala em comparação aos de escrita, representando a maioria das ocorrências desse verbo, o que pode estar indicando uma mudança de seu paradigma. Além disso, constatou-se que os fatores de individualização do objeto também estão intervindo na escolha do caso, sendo o fator ‘animacidade’ o de maior relevância e o ‘grau de abstração’ o de menor relevância, compondo, desse modo, a seguinte hierarquia entre os fatores: animacidade > tipo de nome > grau de abstração do objeto.

No que tange ao fator ‘estilo’, constatou-se que o genitivo compõe a maioria em todos os contextos de uso dos verbos analisados. No entanto, quando o acusativo se fazia presente, era preferencialmente em contextos de menor grau de formalidade. O fator ‘estilo’ é um dos únicos fatores que são novidades em comparação à análise de Nessel e Kuznetsova (2015). Foi

adicionado à investigação com o objetivo de identificar o *status* desse fenômeno sincronicamente, considerando a proposta de Timberlake (1975, 2004). Desse modo, pode-se sugerir que o genitivo ainda está longe de desaparecer, já que se encontra presente em todos os contextos de uso, do mais monitorado ao menos monitorado, e compõe a maioria das ocorrências em todos eles. Contudo, é inegável que o acusativo está avançando na marcação dos objetos de verbos tradicionalmente regidos por genitivo, dada sua maior ocorrência em contextos informais e coloquiais.

Por fim, conforme mencionado previamente, tais análises derivam de resultados gerados a partir de um *corpus* relativamente pequeno, apesar disso, esses não deixam de ser relevantes. Com isso, os próximos passos desta pesquisa dão-se em ampliar as amostras de dados, além de aprofundar-se nas análises deles com o intuito de observar outros fatores que possam estar exercendo significativa influência na alternância entre os casos e que não foram contemplados por este trabalho.

REFERÊNCIAS

- BARLOW, M. KEMMER, S. *A Usage-Based Conception of Language*. Series B: Applied and Interdisciplinary Papers. Essen: LAUD, 2000.
- BECKNER, C. *et al.* Language is a Complex Adaptative System: Position paper. **Language Learning**, Ann Arbor, v. 59, p. 1-26, 2009. Supl. 1.
- BORSCHÉV, V.; PARTEE, B. The Russian genitive of negation: Theme-Rheme structure or perspective structure?. **Journal of Slavic Linguistics**, Bloomington, v. 10, n. ½, p. 105-144, 2002.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Nova York: Cambridge University Press, 2010.
- DIESSEL, H. **The grammar network**: how linguistic structure is shaped by language use. Nova York: Cambridge University Press, 2019.
- FESENKO, V. Accusative/genitive under negation in Russian: from syntactic marking to semantics. **Basic Research Program Working Papers**, Moscou, v. 56, 2017.
- KAGAN, O. Genitive objects, existence and individuation. **Russian Linguistics**, Berlim, v. 34, n. 1, p. 17-39, 2010.
- LEVSHINA, N. **How to do linguistics with R**: data exploration and statistical analysis. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2015.
- LYTKINA, O. I.; SELEZNEVA, L. V.; CKOROKHODOVA, E. YU. **Praktičeskaja stilistika russkogo jazyka: učebnoe posobie**. 4. ed. Moscou: Flinta, Nauka, 2016.
- MARQUES, P. M.; ALONSO, K. S.; PINHEIRO, D. O. Do signo à construção: o legado saussuriano e as abordagens construcionistas da gramática. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 44, p. 1149-1171, set./dez. 2017.
- MUSTAJOKI, A.; HEINO, H. **Case Selection for the Direct Object in Russian Negative Clauses Part II**: Report on a Statistical Analysis. Helsinque: Slavica Helsingiensia, 1991. v. 9.
- NESSÉ, T.; KUZNETSOVA, J. Constructions and language change: From genitive to accusative objects in Russian. **Diachronica**, Amsterdã, v. 32, n.3, p. 365-396, 2015.

PADUCHEVA, E. Genitiv dopolnenija v otritsatel'nom predloženii. **Voprosy jazykoznanija**, Moscou, n. 6. p. 21-43, 2006.

TIMBERLAKE, A. Hierarchies in genitive of negation. **The Slavic and East European Journal**, Los Angeles, v. 19, n. 2, p. 123-138, 1975.

TIMBERLAKE, A. **A Reference Grammar of Russian**. Nova York: Cambridge University Press, 2004.